

A FICÇÃO EM MIA COUTO – *VINTE E ZINCO*

Maria João Coutinho*

RESUMO

Utilizar o *tempo* como matéria da afirmação de uma vida que se quer diferente, interrogá-la nas suas formas meândricas de ser, desvendá-la e com ela a história em que se insere parece ser o tema principal de *Vinte e Zinco*, do escritor moçambicano Mia Couto, com o propósito da comemoração dos vinte e cinco anos da revolução portuguesa de vinte e cinco de Abril de 1974. Em *Vinte e Zinco*, a dupla abordagem da realidade política de Moçambique, a um tempo colônia portuguesa, processa-se tanto pelo lado da história como pelo mito. Há como que dois mundos que se entrecruzam: de um lado, os marginalizados, os guerrilheiros que clamam liberdade, do outro, os poderosos e os cúmplices dos seus poderes corruptos.

Vinte e cinco é para vocês que vivem nos bairros de cimento. Para nós, negros pobres que vivemos na madeira e zinco, o nosso dia ainda está por vir.
(Fala da adivinhadora Jessumina (Couto, 1999, epígrafe)

O que mais importa num romance não é a história que nele se nos conta, mas a verdade dessa história. (Simões, 1999, p. 176)

O TORTURADOR NECESSITA DA VÍTIMA PARA CRIAR VERDADE NESSE JOGO A DUAS MÃOS QUE É A FABRICAÇÃO DO MEDO

... Nós cremos que há raças inferiores, decadentes ou atrasadas, em relação às quais perfilhámos o dever de chamá-las à civilização (...) África está e deve continuar a viver sob o domínio e a direcção de um Estado civilizado. A direcção e a administração do trabalho pertencem, como não tem podido deixar de ser, a reduzidas minorias de europeus (...). Estas missões não podem ser abandonadas às populações autóctones... (Salazar, 1960, vol. V, p. 427);

* Portugal.

E ... Imperialistas, nós, que nos limitamos a estar em terras sempre conhecidas por portuguesas? Colonialistas, nós, que damos sem peso nem medida sangue e haveres para servir os interesses do Ultramar? Racistas, nós, que sempre tivemos a cristianíssima consciência da fraternidade humana?... (Caetano, 1973, p. 48);

Pois, ... Se caminhararmos de Norte para Sul, parece que a latitude tem qualquer influência nas raças (...), que vão adquirindo certas características inferiores. Vemos os nórdicos capazes (...); depois começamos nós os latinos, já muito menos esclarecidos; depois passamos aos árabes, muito piores do que nós; e acabamos nos pretos (...). Não há dúvida nenhuma de que a raça preta tem características inferiores... (Amaro, 1976, p. 53);

Uma vez que ninguém avalia o custo de ser inspector da PIDE, em pleno mato africano, lá onde o pé de branco nunca assentou... (Couto, 1999, p. 16)

É pois, necessário erguer uma VOZ sobre o silêncio, cuja ordem colonial votara ao ostracismo e emudecera a PALAVRA, uma voz que chame os espíritos, que invente a vida, que crie a esperança e sonhe a liberdade!,

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o ser é composto de mudança
Tomando sempre novas qualidades.*

*Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo de esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades. (Camões, 1969, p. 73-74)*

... O campo de exercício da colonização é, por necessidade intrínseca, gerador de conflitos. Tal estado de permanente conflitualidade resulta da própria essência da situação colonial que, enquanto totalidade, espelha a complexa confrontação entre a minoria alógena e a maioria autóctone... (Andrade, 1997, p. 21)

Utilizar o Tempo como matéria de afirmação de uma vida que se quer diferente, interrogá-la nas suas formas meândricas de ser, desvendá-la e com ela a história em que se insere, parece ser o tema central de Vinte e Zinco, obra do autor moçambicano Mía Couto, publicada em Portugal, com o propósito da comemoração dos 25 anos do 25 de Abril português e saída recentemente a lume em Moçambique. É José Augusto França que afirma:

Na verdade, não poderá haver conhecimento histórico global (e todo o conhecimento histórico tem de ser global) sem uma dimensão artística, que muitas vezes marca especialmente pontos de referência e pontos de partida de situações e de conjunturas: porque a Arte reflecte, sem dúvida, outros comportamentos sociais, mas também os propõe, e frequentemente os suscita e provoca... (França, 1997, p. 121)

E Eunice Cabral, na sua obra sobre o escritor português José Cardoso Pires, afirma: “... Sendo a representação ideológica um conjunto de valores e de interpretações do real, ela existe sempre subentendida em cada texto literário...” (Cabral, 1999, p. 144).

O passado só tem sentido se for reinterpretado, ou actualizado, à luz das contingências temporais e receptivas, permanecendo aberto a contínuas interpretações. Em *Vinte e Zinco*, a dupla abordagem da realidade política de Moçambique, a um tempo colônia portuguesa, processa-se tanto pelo lado da história como pelo do mito. Há como que dois mundos que se entrecruzam: de um lado, clamam os que ousam gritar por liberdade, os negros, os marginalizados, os guerrilheiros; do outro lado, agoniza a solidão dos poderosos e a dos cúmplices dos seus poderes corruptos. E é essa multiplicidade dos modos de revelação que interessa ao autor e que se vai refletir através da variedade dos pontos de vista de cada personagem, num tempo em que cada presente se bifurca em dois futuros, de modo a criar-se uma rede de tempos e modos de estar ao mesmo tempo divergentes, convergentes e paralelos. Há como que um jogo entre as personagens, entre a realidade de cada uma delas e o seu “duplo”, como se fosse um espelho onde uma e outra se revertem.

OS DOIS MUNDOS – O EU E O OUTRO

As energias, as forças, os espíritos que constroem o mundo estão lá, envolvidos nas coisas, esperando que o espírito do homem os reconheça.

“... Em Moçambique, a jovem Irene se descaminhara, exilada do juízo e das maneiras. Se misturara com os negros, dera licença a rumores e vergonhas. Procedimentos que despergaminhavam a honra familiar...” (Couto, 1999, p. 24). Irene ama o mulato Marcelino, ela, branca e cunhada do Pide Lourenço, ela que se revolve no matope, anda descalça e dança como uma negra, ela que não tem medo e passa por lugares onde só os pretos andam, que ousa ser amiga e confidente da nyanga (feiticeira) Jessumina! Irene veicula o seu passado cultural e, simultaneamente, assimila outro, respeitando os códigos universais das relações humanas.

Ela é a mulher branca que está do outro lado do mundo e o defende, “... O que queres, mana. Eu sou uma canhota que só faz coisas bonitas com a mão direita...” (Couto, 1999, p. 76). Irene joga com a ambiguidade e fraqueza de sua irmã Margarida e do sobrinho, o Pide (Policia Política Portuguesa) Lourenço, “... Pensas que tens o poder de matar? Pois esta gente, os pretos como tu lhes chamas, tem poderes que desconheces. Esses que mataste ainda estão por aqui, deste lado da vida. Só matas os que eles deixam morrer...” (Couto, 1999, p. 31) E guarda nela a força oculta que lhe permite afirmar: “... Pois eu vos digo: esta casa vai definhar, até nela apodrecer o espírito desse monstro que foi esse teu pai...”, ou “... Haveis de enterrar mil vezes esse falecido. E será sempre enterro falso. Que esta terra nunca, mas nunca o irá aceitar...” (Couto, 1999, p. 31).

Ama Marcelino, e através dele aprende que o amor só dura um dia, e esse

dia não tem fim. A sua gravidez insere-se no jogo dos contrários de que o texto literário está pleno. Grávida ou não, o seu estado preconiza algo que está para nascer, algo que tem de ser conquistado e que não deve tardar, a libertação de todo um povo.

Irene entra finalmente nas águas regeneradoras da lagoa, desaparecendo num território imenso, de horizonte ilimitado, transformando-se num universo inteiro: “... Quando a água lhes dá pelo peito, Jessumina pára e passa as duas mãos pela cabeça da branca. Depois, a adivinha lhe vira costas. Irene segue avançando, em demorado naufrágio, até submergir por completo na lagoa...” (Couto, 1999, p. 136). Descobre-se imersa na corrente poderosa e contínua do tempo e do destino, alcançou a “vida dentro da vida”. Sonha e não dorme, olha para dentro de si mesma; o seu sono precisa de ter a profundidade de um lago e a leveza da espuma que brilha à sua superfície.

*Houve tempo
que me apeteciam infinitos*

*Hoje,
afastei as cortinas
e não escrevi
outra vida para mim*

*Abri
sem querer o céu:
de nada
se embriagaram os meus olhos.*

*Agora,
basta-me viver (Couto, inédito)*

Personagem divergente/convergente de Irene, já que, “... este dois sujeitos femininos, embora dotados de diferentes modos de acção e de investimento, no que se refere ao seu confronto com as valorações do mundo exterior envolvente, denunciavam, de maneiras diferentes, os mesmos mecanismos de proscrição social e cultural...” (Araújo, 1998, p. 4), Margarida é a mulher obediente, espelho do seu país de origem, Portugal, veículo da ordem política fascista dominante, observadora do estado das coisas, mas que treme sob a violência das mesmas.

Pressagia, em sonhos, o destino de África, aquela que os colonos construíram, “... a maçanqueira não era mais que ramos secos, desgrenhados. Os morcegos se soltavam das ramagens e, logo nas primeiras voações, se lançavam uns contra os outros, guinchando, dentando-se (...) Sem mais alimento, os bichos voadores passaram a comer-se uns aos outros” (Couto, 1999, p. 60-61). Mas o mau sonho não terminava, pois, dos capins, surgia um cão com aparências de gente, qual alusão ao tempo sofrido e sofredor de tantos seres humanos naquelas paragens. A pomba libertadora caíra, desprovida de vôo e, segundo as palavras de Margarida, ela própria se via no sonho descer a varanda para salvar a pomba da voragem, que no final se meta-

morfoseava em morcego, animal tabu. Daí, o seu encontro com Jessumina: “... Quero saber o que se passa em minha casa. Tenho medo...” (Couto, 1999, p. 66). A nyan-ga (feiticeira) que lhe vai revelar toda uma sabedoria, a ternura e o encanto de um espaço físico e humano que, por breves momentos, Margarida parece querer apropriar-se: “... Atravessou os atalhos com a leveza de um novo conforto. Teria sido o simples falar com alguém? Um ser de além-mundo, como Jessumina, pode fazer suportar melhor este nosso mundo?...” (Couto, 1999, p. 72). Ao aprender a vê-lo pelos olhos de Jessumina, foi, num relance, portadora de um espírito de reconciliação e amor, como que regressou ao mais íntimo de si mesma, numa tentativa de recuperar a estima perdida pela dimensão poética do quotidiano.

A sua visão dentro da igreja e a declaração do jovem negro funcionam como um modelo de catarse daquilo que se passa no mundo: “... Quero tornar-me bicho enquanto durar o inferno que aqui vivemos...” (Couto, 1999, p. 79). É todo um país que se crucifica, que sofre e deseja a salvação.

Exultante pela notícia do golpe político em Portugal, Margarida sente-se, também ela, liberta da sua condição de mulher submetida à ordem familiar imposta e herdada pelo filho: “... A única coisa que quero é ir embora. Todos esses anos, esse foi o meu sonho. E agora, Lourenço de Castro, só nos resta mesmo é ir embora...” (Couto, 1999, p. 94).

Parte sozinha, auxiliada por Jessumina, consciente de que “... por mais que nos lavemos, não há água que chegue para nos lavarmos do passado...” (Couto, 1999, p. 94) mas, ao mesmo tempo, não perdendo nunca a sua condição de colonizadora, destruindo todos os haveres que tinha em casa, para que “... não sobrasse nada para os pretos...” (Couto, 1999, p. 126), fazendo jus às palavras de Andaré Tchuisco, “... para os brancos, o preto ou é santo ou demónio, transitando da inocência para a malvadez, sem nunca passar pelo humano...”

*Eles não sabem que o sonho
É uma constante da vida
Tão concreta e definida
Como outra coisa qualquer,
Como esta pedra cinzenta
Em que me sento e descanso,
Como este ribeiro manso
Em serenos sobressaltos,
Como estes pinheiros altos
Que em verde e oiro se agitam,
Como estas aves que gritam
Em bebedeiras de azul.*

*Pa ssarola voadora,
Pára-raios, locomotiva,
Barco de proa festiva,*

*Alto-forno, geradora, cisão do átomo, radar,
Ultra-som, televisão,
Desembarque em foguetão
Na superfície lunar.*

*Eles não sabem, nem sonham,
Que o sonho comanda a vida.
Que sempre que um homem sonha
O mundo pula e avança
Como bola colorida
Entre as mãos de uma criança.* (Gedeão, 1975, p. 35-36)

Lourenço é o continuador “genético” dos serviços de seu pai, o Pide (Polícia Política Portuguesa) Joaquim Lourenço. Como qualquer agente da repressão, utiliza todos os meios que tem para manter o terror. É a encarnação do espírito do Mal e, ao mesmo tempo, o homem-criança, parodiado e mordazmente ridicularizado pelo narrador: “... O pano foi para lavar. Estava cheio de baba (...) Eu não durmo sem o pano, a mãe sabe (...) O cavalinho? Já lhe chego o cavalo, não se preocupe...” (Couto, 1999, p. 17).

Ele, que teve uma infância sem atenção paternal, proibido de fazer amigos, de revelar o seu amor quando adulto, “... Me fale da tia Irene. Me fale dela por favor. É a minha prenda de anos, mãe. Peço-lhe, peço-lhe tanto. Me fale dela e vai ver que adormeço logo. Me conte quando ela era moça...” (Couto, 1999, p. 104), é o protótipo da figura odiada por todos e que a todos odeia, ignorando o relógio do tempo, a sucessão dos acontecimentos políticos, transformando-se num ser que vegeta, perdido no meio dos seus e de si próprio, “... O pide estava derrubado, vertido de si mesmo. (...) Reviu sua vida, num ápice: os gritos da cadeia se acumularam, como se as celas se fechassem de um só golpe em sua cabeça...” (Couto, 1999, p. 92), ou “... A queda do regime lhe parece tão impossível, que é como se nada tivesse ocorrido. Uma vida inteira dedicada a uma causa tropeçava no nada, transfeita uma catarama...” (Couto, 1999, p. 105). O tempo assume-se, pois, como uma entidade inultrapassável e impiedosa. E, horrorizado, ouve finalmente a explicação da cegueira de Tchuvisco, vítima da homossexualidade de seu pai, o velho Pide Castro: “... O inspetor Joaquim de Castro se roçava, lascivo, pelos presos. Depois de bem batidos, ele os chamava e lhes acariciava as pernas, as costas, as nádegas. Depois, consumava amores forçados com os prisioneiros...” (Couto, 1999, p. 113).

O vazio e a dissolução do sentido da vida tomaram-no, é um homem sinistro e amargo, profundamente desiludido, uma vez que os valores e compromissos que durante anos regeram a sua vida deixaram, subitamente, de ter sentido: “... Sua vida tinha sido triste e nocturna (...) Não são os brancos que são gente sózinha. Sua cultura é que muito solitária...” (Couto, 1999, p. 132) e “... Quase eu não precisava de ter pai. Havia Salazar, a pátria, a ordem...” (Couto, 1999, p. 133).

A alma necessita de estar em harmonia com o quotidiano, de uma visão articulada do seu ser e o mundo que o rodeia, de um sistema de valores organizado e de uma consciência que se encontre ligada ao todo. *Marcelino* está em desarmonia com o mundo e, na ausência de um pai, tal como Lourenço, procura um guia, uma forma e justificação de viver, na razão e na ideologia políticas; a atividade política liga o nosso ser ao acontecer do mundo, à natureza humana enquanto potência de metamorfose e, assim, Marcelino é o testemunho do homem que luta por uma causa nobre, que avança abertamente ao seu encontro, “... O mundo precisa de ser cambalhotoado, o invés do viés...” (Couto, 1999, p. 45), que se rebela com atos e procedimentos próximos de um certo comodismo de estar na vida e que finalmente acaba por morrer nas malhas do tecido político que lhe fizera frente.

É a imagem do herói nacional, íntegra e total, e, por essa razão, a sua voz, eco da terra que o viu nascer e morrer, fecha o último capítulo da obra: “... Nossa tristeza é a seguinte: ganhámos sem nunca chegarmos a ser vencedores...” (Couto, 1999, p. 135)

Custódio aparenta exteriorizar toda uma conciliação com os dois lados do mundo: “... Melhor era ignorar. Afinal, quem sabe viver não sabe sofrer...” (Couto, 1999, p. 45) E, ele próprio responde ao seu sobrinho Marcelino: “... Não me venha com essas idéias de política. A política é desses incêndios que se acendem na casa do outro e quem arde é a nossa casa...” (Couto, 1999, p. 45). Ou “... Um patrão sofre mas é de inveja do criado. Sim, veja o caso do cavalo, dizia. Um cavalo sabe que o dono lhe deve tratar bem. Fosse ele não tinha dono e passava pior...” (Couto, 1999, p. 46) revelando-se, desta maneira, uma personagem perturbada na sua identidade.

Marcelino insurge-se com a sua maneira de estar no mundo, chegando mesmo a chamar-lhe de traidor. Porém, Custódio não usa sapato, não quer aparentar ser branco, ele está do lado de lá: “... O calçado é um passaporte para ser reconhecido pelos brancos, entrar na categoria dos assimilados...” (Couto, 1999, p. 47) e, noutro passo, “... Tio Custódio se vangloriava da sua descalidão. O mato estava sempre renascendo sob seus pés. Isto era seu dito. E mais se atribuía: onde seu pé tocasse o chão se apagaria a obra desses brancos...” (Couto, 1999, p. 47).

Sempre que a idéia do destino é oferecida com seriedade, vem naturalmente acompanhada de incitamentos que englobam escolha e luta, já que os ensinamentos da sabedoria nunca nos afastam do princípio ativo da natureza humana: “... A sabedoria incita-nos à escolha, à decisão, ao sacrifício, mas sempre com uma atenção concentrada e activa...” (Needleman, 1999, p. 111). Marcelino acusa o seu tio Custódio de colaborar com a tropa portuguesa: “... Até aqui o senhor foi um covarde. Agora, será um traidor...” (Couto, 1999, p. 53), mas é este último que, pouco antes de morrer, após ter saído do aquartelamento português, lhe entrega documentos políticos comprometedores que tinha conseguido retirar ao lado português. Custódio é, pois, uma personagem ambivalente, divergente e convergente de Marcelino.

Jessumina e Andaré Tchuvisco apresentam-se como elementos unificadores, abrangentes, tudo abrigando dentro de si, exercendo uma missão reintegradora da ordem cósmica: ela, porque após sete anos de permanência dentro do lago sagrado, passa a ser uma nyanga; ele, porque durante e após a sua cegueira surge como outro homem: “... Dizia-se que, durante um sonho, ela for a avisada: estava destinada. Em breve, iria receber o espírito do nzuze e desaparecer nas águas do lago Nkuluine. Na manhã seguinte, Jessumina entrou na lagoa e sumiu nas suas águas durante sete anos (...) Lá no fundo do lago, o povo do lago lhe ensinava os segredos de um outro saber...” (Couto, 1999, p. 64-65). Água purificadora, essa água não provinha das nuvens mas dos relâmpagos, exercendo toda uma ação mítica, tal como o tempo de permanência de Jessumina dentro do lago até se tornar numa nyanga, sete anos, número sagrado para a maioria dos povos. Jessumina encarna, muito provavelmente, a personagem Graça, já que esta desapareceu para este mundo: “... A viúva desapareceu. Entranhou-se nos matos e extinguiu-se em definitivos (...) Graça deixara este mundo do modo mais obscuro: sem nunca ter chegado a morrer...” (Couto 1999, p. 57), reaparecendo aquando da visão apocalíptica de Tchuvisco, nas vésperas do dia libertador, 25 de Abril, e unicamente reconhecida por este, ao tatear a sua pele: “... Os dedos voltam a tactear a pele, redesenhando as tatuagens no pescoço da feiticeira. Andaré sorri, fechado em mistério. Lhe regressa, intacto, o cheiro antigo da oficina, as longas tardes da infância em que o tempo se espreguiçava pelas varandas...” (Couto, 1999, p. 43).

Tchuvisco coloca em evidência o frágil percurso existencial de todo o ser que vê ameaçada a sua sobrevivência; daí, a sua cegueira para com o mundo exterior até ele não se lhe revelar como agente libertador. Andaré “... faz salientar a força extraordinária do indivíduo que, perante uma realidade de valor contingente e caótico, consegue mobilizar energias neguentrópicas, criando ilhas de sobrevivência, em espaços de periferia, mas plenos de sentido humano...” (Araújo, 1998, p. 1). Daí, as suas visões sobre o estado das coisas, no antes e no depois, a conversão da sua bengala em ave pressagiadora e esta em napolo, cobra voadora das tempestades, que anos antes, Lourenço vira emergir do helicóptero onde ia com seu pai e se desfazer, tal como Joaquim Lourenço, nos ares do imenso céu; e, finalmente, a escuta libertadora, “... das lembranças, emerge uma indefinível voz que murmura o que ele, no momento, deve executar...” (Couto, 1999, p. 138), Tchuvisco, pela última vez, pince-la a velha prisão e esta vai-se dissolvendo até não existir mais: “... O cego sente que seus olhos se tornam mais inundáveis. Como se abrisse um imenso pátio onde toda a luz se espriasse. E sente que a prisão, a cada pincelada, se vai dissolvendo, a pontos de total inexistência...” (Couto, 1999, p. 139).

Nas palavras de Ana Mafalda Leite, “... a esperança, o entendimento e a leitura de sinais é outra, transcende a representação racional do real. Esta é transfigu-

rada pela visão dos homens, cujas ‘vozes’ transportam outra crença e outra cultura...” (Leite, 1998, p.47).

Porém, é ele também que, em sonhos, vislumbra o futuro daquela terra imensa: “... Seu medo era esse: que esses que sonhavam ser brancos segurassem os destinos do país. Proclamavam mundos novos, tudo em nome do povo, mas nada mudaria senão a cor da pele dos poderosos. A panela da miséria continuaria no mesmo lume. Só a tampa mudaria...” (Couto, 1999, p. 133). É Moçambique que se vê em Tchuisco.

Ao fundirem-se com o Cosmos, Jessumina e Tchuisco encontraram nesta situação a força da vida, não esquecendo, porém, a sua condição humana, antes a assumindo com determinação e reconhecendo o diálogo enquanto critério de verdade. Reunem neles o sentido da vida em si, ou seja, a busca da unidade do homem com a Natureza e a unidade do homem com os outros homens, num processo de auto-descoberta do sujeito enquanto indivíduo e ser universal: “... Eu sonho que o mundo precisa de mim, sempre sonhei isso, (...) Aqui já vieram brancos, sim, mas desses brancos das pedras, naturais. Agora a senhora, uma autêntica, de origem. Até que enfins, me sinto um alguém...” (Couto, 1999, p. 66). E, afirmando que tudo o que era o aprendera na sua permanência na lagoa, Jessumina recomenda a Margarida o enterro integral de seu marido, o Pide Joaquim Lourenço, isto é, o enterro do tempo da repressão, do terror, do caos: “... Onde aprendera de verdade? Foi na lagoa, na sua ausência deste mundo, (...) Era preciso despedirem-se do velho Castro. Urgia trancar aquela ausência. Enquanto isso não fosse feito, a família não teria descanso...” (Couto, 1999, p. 68).

É através deles que tende a desenvolver-se todo um desejo, uma vontade, que lança o ser na procura da liberdade, na ânsia de ser livre de paredes, de muros, de prisões, de tudo o que assenta na destruição da ordem da natureza humana, no caos, para em seguida, originar-se uma nova ordem.

A imbecilidade de qualquer tirania – escreveu Miguel Torga em plena ditadura salazarista – é não reparar em que apenas governa os mortos do seu tempo, aos homens que venceu e que por isso matou. Porque os vivos, as sucessivas camadas que vão nascendo e crescendo, essas são estranhas como se habitassem noutro mundo. Para elas, todas as leis são letra morta. Serão elas a fazer as suas próprias leis. (Moreiro, 1996, p. 55)

Os mundos giram sobre si mesmos, instituindo descontinuidade entre o presente e o passado, mas evidenciando em Vinte e Zinco, a consciencialização do tempo objetivo, na medida em que o autor situa, de um modo muito preciso, os acontecimentos narrados através de indicadores cronológicos, já que os diferentes capítulos estão datados, de 19 a 30 de Abril, doze capítulos, uma vez mais um número marcante nos estudos numerológicos, sendo que o 7º capítulo é o próprio 25 de Abril português, o dia da Revolução dos Cravos.

Podemos pressupor que está inscrita na linguagem e modo de ser destas duas últimas personagens a finalidade da escrita do autor de *Vinte e Zinco*, uma escrita dinâmica e fascinante, reveladora de uma manifesta sensibilidade verbal que procura evidenciar outra dimensão filosófica e mundividência dos acontecimentos, à maneira, pensamos, de Sophia de Mello Breyner Andresen: “... A palavra objecto, limpa dos sentidos que milénios lhe foram atribuindo, a palavra desnuda, liberta de estereótipos, assume-se, cria novas relações e revoluciona a visão do mundo...” (Lamas, 1998, p. 121). Visão e escritas essas que se propõem “... iluminar espaços de sombra, isto é, conferir voz a universos humanos silenciados e reduzidos à situação de invisibilidade social...” (Araújo, 1998, p. 3). Tal como em *A varanda de Frangipani*, Mia Couto propõe “... fazer um mundo em que, um homem, só de viver, fosse respeitado...” (Couto, 1996, p. 149), lembrando que, afinal todo o ser é tão antigo quanto a vida.

ABSTRACT

To use *Time* as to affirm a different life, to question this life in its intricacies, to unveil it and with it its story: here is what seems to be *Vinte e Zinco*'s main theme, a book written by Mozambican author Mia Couto on the occasion of the Portuguese Revolution's 25th Anniversary which took place on the 25th of April 1974. In *Vinte e Zinco*, Mozambique's political reality is shown through a double approach on this former Portuguese colony's history, as well as its myth. It is as if there is a cross between two worlds: on one hand, the marginalized ones, the guerrillas who cry out for freedom, and on the other hand, the powerful ones and their corrupt practices' accomplices.

Referências bibliográficas

AMARO, José. Massacres de guerra colonial. S.l.: S.n., 1976.

ANGIUS, Fernanda, ANGIUS, Matteo. Mia Couto: o desanoitecer da palavra. Praia: Centro Cultural Português, 1998, p. 30 (poema inédito de Mia Couto).

ARAÚJO, Maria Manuela, Coutinho, Maria João. Mia Couto: a ficção enquanto diagnose social e cultural. CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 5, 1998, Maputo.

CABRAL, Eunice. José Cardoso Pires. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 144.

CAETANO, Marcello. Razões da presença de Portugal no Ultramar: discursos comemorativos do 45º aniversário da Revolução Nacional, 28 de Maio de 1971. S.l.: S.E.I.T., 1973.

- CAMÕES, Luís Vaz de. Sonetos. Lisboa: Clássica Ed., 1969. p. 73-74.
- CARVALHO, Mário Pinto de. Origens do nacionalismo africano. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- COUTO, Mia. A varanda do Frangipani. Lisboa: Caminho, 1996. p. 149.
- _____. Vinte e Zinco. Lisboa: Caminho, 1999.
- FRANÇA, José – Augusto. (In)definições de cultura. Lisboa: Presença, 1997.
- GEDEÃO, António. Poesias completas. Lisboa: Portugália, 1975.
- LAMAS, Estela Ribeiro. Sophia de Mello Breyner Andresen: da escrita ao texto. Lisboa: Caminho, 1998.
- LEITE, Ana Mafalda. Oralidades e escritas nas literaturas africanas. Lisboa: Colibri, 1998.
- MOREIRO, José María. Miguel Torga em África. Lisboa: Universitária Ed., 1996.
- NEEDLEMAN, Jacob. O pequeno livro do tempo. Lisboa: Bizâncio, 1999.
- SALAZAR, António de Oliveira. Discursos e notas políticas. Coimbra: S.n., 1960, v. 5.
- SIMÕES, João Gaspar. Crítica I: a prosa e o romance contemporâneos. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1999.